

INTRODUÇÃO

Escrito por Alyn R. Batarce, quem conheceu o autor José Idevaldo da Silva e teve os primeiros acessos a sua obra.

Encontramos José Idevaldo da Silva em uma noite, no início do mês de abril, deste ano (2024). Estávamos entre alunes de Letras Inglês e Ciências Sociais na Rua Quintino, entre o centro e a zona oeste de Londrina, quando fomos abordados por uma pessoa em situação de rua. Esta, tentando conseguir dinheiro começa a perguntar sobre “o que fazemos”, se estudamos e o qual nosso curso de graduação. Sabendo que estava diante estudantes de Ciências Sociais, José rompe com os pedidos e passa a falar de assuntos relacionados ao curso, diz que ingressou no curso quando morava em São Paulo, mas teve que sair. A todo momento, quando questionado, ele normalmente desviava do assunto, ou dava respostas indefinidas, como “porque sim” ou “porque foi assim”. É a partir daí que José começa a falar sobre seu interesse e amor pela Antropologia e que gosta muito de etnografias; respondo que é algo em comum entre nós dois, e, com uma aparente incerteza, começa a questionar nos mostrar algo relacionado aos interesses em comum.

Quando José reconhece o ambiente e as pessoas em um diálogo seguro, se entusiasma e começa a discorrer sobre suas “pesquisas/etnografias”, como ele chama. Pedimos para ver e, com muito cuidado e zelo, José retira da bolsa que está usando, uma sacola plástica com várias folhas e um lápis. Daquelas folhas, a maioria foi encontrada na reciclagem. Havia algumas folhas A4 grampeadas, ele retira e começa a falar sobre seu projeto de pesquisa, que etnografa a vida de pessoas em situação de rua, a partir das perspectivas de uma pessoa da rua.

Percebendo o quanto nos interessávamos e motivávamos a continuar, ele pede para ler. Atravessamos a rua e sentamos na calçada.

Finalmente, quando José termina a leitura de “O Manguedor”, como nomeia seus escritos, de forma minuciosa, explicando a cada momento sua escrita e as palavras que utiliza, também mostra seus papéis com anotações de entrevista para o seu próximo projeto.

Reconhecendo a importância da visão de José e do seu “artigo”, sendo um escrito dado de observações sistemáticas sobre a vida de pessoas em situação de rua, principalmente das

zonas norte, oeste e centro de Londrina, perguntamos a ele o interesse em divulgar, e enviar a alguém e se poderíamos facilitar isso. Respondeu apenas que as condições da rua não lhe garantiam nem comida. Apresentamos o projeto da revista, que na época ainda estava sendo elaborada. Falou que eu podia tirar foto do artigo, não das anotações, e não levar embora, assim fiz. Ele disse que quer publicar, perguntou se precisava assinar algo, disse que poderia ir à UEL conversar com alguém. Orientamos que não seria necessário, mas queríamos estabelecer uma forma de contato, perguntei onde ele fica durante o dia e quando eu poderia ir ver ele. Me passou o endereço. Após isso encontrei José algumas vezes, próximo aquele lugar, outras próximo onde disse que costuma ficar, durante o dia. Todas as vezes pergunta “publicou? Gostaram?” e eu explico.

As tensões em publicar esse texto como o primeiro da Revista diverge são gigante. O primeiro artigo de uma revista com uma proposta anti hegemônica ser escrito por uma pessoa em situação de rua. Sem dúvidas é algo que pode gerar, da parte de visões afetadas pela lógica burguesa, maus olhares. Porém, decidimos publicar entendendo que não se enfrenta a elite da ciência senão porcos, se não divulgarmos, se não causarmos espanto.

Após apresentar o artigo para o Professor de Antropologia Giovanni Cirino, responsável pelo projeto de estudo e pesquisa “Artes do Fazer”, que discute as questões da antropologia urbana, o professor comenta:

Mangueando outras formas de vida na cidade

A impressionante vida de quem vive na rua. Esse é o tema d'O Manguador de José Idevaldo da Silva. Entre os dias de chuva e frio, os desafios da fome, do abrigo e da saúde, a vida de quem vive na rua é cheia de dificuldades. Entre as ricas vivências brota o conhecimento empírico. Como fazer para sobreviver? Fácil não é! Violência e compaixão, o ser humano se move entre a luz e a sombra.

Enquanto a cidade traça seus percursos amparando os sonhos e desejos do passado, no presente as pessoas se adequam ao cenário dando vida e ação a novos desejos. Avenidas, ruas, vielas, marquises e praças. Cenário perfeito, mas também um cenário árido. A frio do concreto e do asfalto contrasta com as mil e uma maneiras de encontrar a verdadeira humanidade.

A cidade se apresenta pelos domínios instituídos do estado e mundo jurídico. A estratégia para a construção e funcionamento da cidade, sua organização, os limites entre o público e o privado, as formas de uso do espaço, as decisões, os sistemas viários e de abastecimento, tudo se dá como se todas as demandas fossem exclusivamente racionais, utilitárias, funcionais e economicamente viáveis.

Nos interstícios do socialmente organizado, do urbanamente lícito, economicamente útil, a cidade respira as táticas exercidas por cada sujeito, como um campo das microressistências e do exercício das microliberdades. Como sugere M. de Certeau, o cotidiano impõe toda sorte de aprendizados, entre elas podemos lembrar das vitórias do fraco sobre o forte, os pequenos sucessos e alegrias, as artes de dar golpes, as astúcias de ‘caçadores’, a mobilidade da mão de obra, as simulações polimorfas, os achados que provocam euforia. Todas essas performances operacionais dependem de saberes muito antigos. Podemos dizer que nas ruas das megalópoles, as táticas apresentam continuidades e permanências. Em nossas sociedades elas se multiplicam com o esfarelamento das estabilidades locais. Entre as múltiplas práticas de cada cidadão no cotidiano, as táticas são essenciais. Elas são silenciosas, subjetivas, liminares. Manguear é parte dessa tática milenar. José Idevaldo da Silva nos ensina que manguear faz parte de uma inteligência indissociável dos combates e dos prazeres da vida.

A escrita do autor é simples, informal, casual, seu texto obviamente não está adequado às normas de formatação ou escrita, mas é acessível e popular, com um olhar observador e analítico sobre sua própria realidade, crítico a ações “imediativas” e não radicais, nos apresenta a palavra “Manguear”, parte da “língua da rua”, além de outras como “malocas”, “pardau”, e a diferença do “mendicar” quando individual ou coletiva.

Além disso, faz denúncia sobre os maus tratos e humilhações que pessoas em situação de rua recebem, apresenta Deus e interfere de forma particular sobre as maneiras de se entorpecer, seja por drogas ou não. Um ponto interessante a ser interpretado e discorrido. Também é muito pertinente a denúncia do uso da força de segurança e discriminação que, obviamente, sofre na rua, além do descaso governamental e análise.

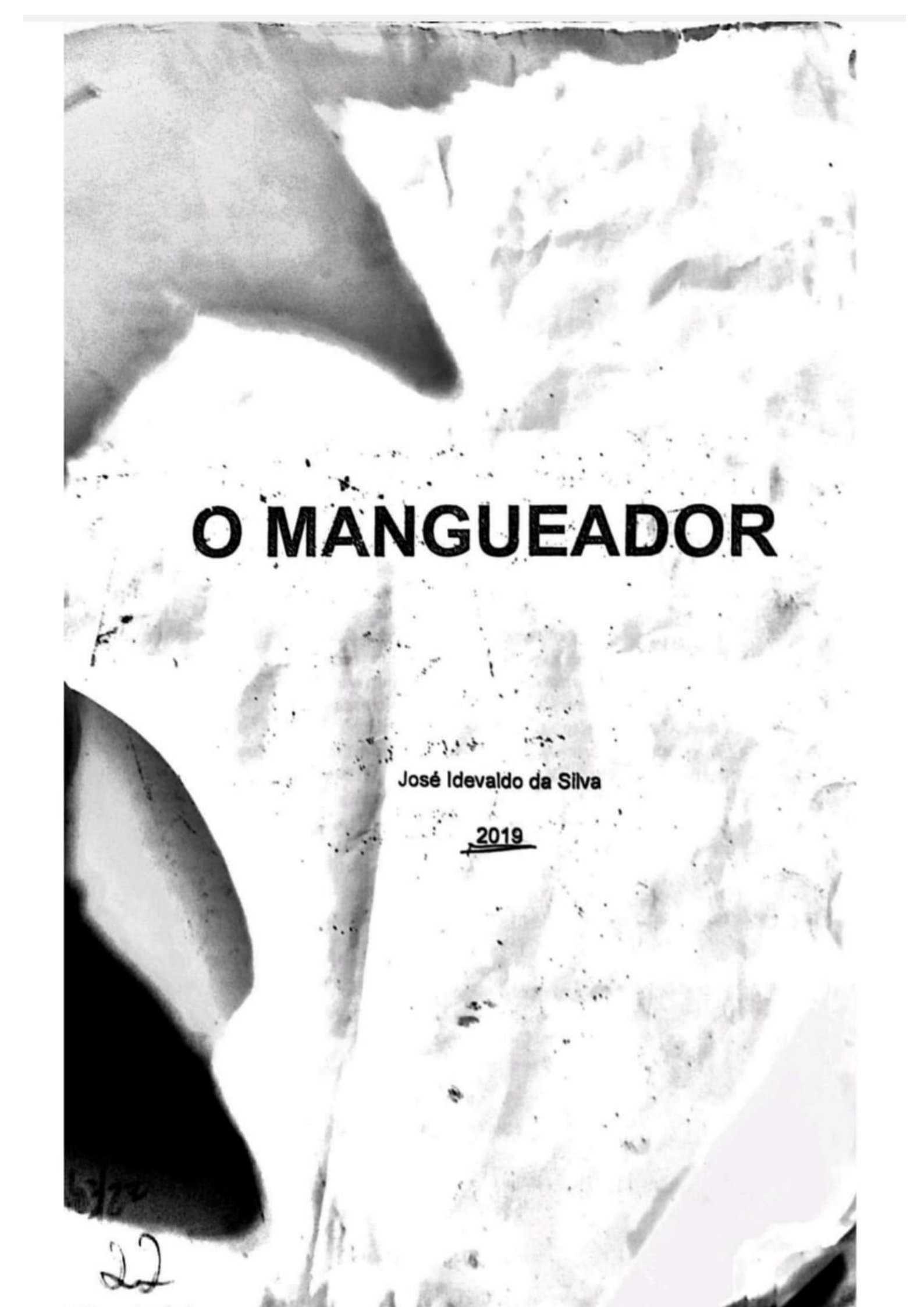
“E quando um governo investe mais em presídios e não em cultura, educação, esporte, etc... esta situação forja que a probabilidade de a maioria escolher a criminalidade seja grande e quando caem em situação de rua e a sociedade descrimina o mangueador, a escolha dele em parar de manguear para roubar, foi motivada pela escolha da sociedade em não investir no preventivo que é criar condições para que o país tenha uma política de inclusão e desenvolvimento social e distribuição de renda e investimento em qualificação profissional e valorização com investimento no setor que forma cidadãos do amanhã que é o setor da educação” (trecho do texto)

A diante, José ainda escreve que o que o desmotiva, o quanto a vida na rua desmotiva a descrição fiel. Mas, mesmo diante disso, que pretende continuar entrevistando e escrevendo,

agora sobre a violência contra mulher e prostituição, falando sobre aborto, misoginia e objetificação e os meios que levam a essa ação: “abuso na infância é o exemplo mais comum”, diz ainda nesse material. Apresentando, dessa maneira, sua estrutura de pesquisa para orientar sua etnografia. Aqui, José mostra como seus estudos tem método bem definido, recorte, objeto, meio e método.

Diante disso, a leitura da visão de José, da rua sobre a rua, é necessária para entender as denúncias, para aprender com suas vivências e, dessa forma, contribuir e valorizar a produção que enriquece o conhecimento sobre as questões sociais de agencia, de funcionamento do capital e manutenção da miséria, e outras tantas áreas.

“Pois, o assistencialismo dado pelo governo acaba mantendo este círculo vicioso, na verdade somos capim-gordo e massa de manobra para cabides de emprego e não existe a real intensão de solucionar este imenso problema” (trecho do texto)



O MANGUEADOR

José Idevaldo da Silva

2019

Este livro aborda principalmente a realidade de quem vive nas ruas, fazendo uma visão panorâmica de quem pede, ou mendiga, melhor dizendo.

Excluindo a princípio temas mais complexos, como prostituição noturna, roubos, mundo das drogas e etc... se atendo a narrar mais as relações sociais de moradores em situação de rua, trazendo as diferenças entre o que é morador em situação de rua e mendigo e, entre esta classe social, demonstrar o que é trecheiro, pardal, andarilho e maloca.

Boa leitura!

O MANGUEADOR

Era uma vez, numa terra distante... Opal Peraí, essa não é mais uma história de contos de fada, mas sim, a realidade nua e crua que a sociedade não conhece, pois só conhece quem vive na pele. É a história de quem vive nas ruas, calçadas e becos de nosso país a fora.

Infelizmente somos uma população excluída da sociedade e acabamos formando uma sociedade paralela, onde tudo é permitido e onde o perigo, violência e medo nos rodeiam o dia todo, todos os dias. Estar na situação de rua faz você esquecer princípios, muitas vezes em situações em que a sobrevivência fala mais forte...

Uma dessas situações, por exemplo, é na hora de sustentar algum vício, seja bebida ou outras drogas. A verdade é ocultada e contada uma inverdade qualquer, ou seja, uma história triste que comova a pessoa que nos ouve, só para ganhar os trocados que vão, é claro, sustentar um ciclo vicioso que nos faz amenizar por alguns momentos a tristeza de estar na rua, sem saber o que fazer ou pra onde ir... presos nessa rotina, que nos faz pensar que viver é isso, pedir esmola e gastar com supérfluos que enriquecem tráfico ou botequeiros de plantão.

Para conseguir dinheiro é preciso saber manguear... Opal Manguear? Sim, essa palavra estranha que não sei como surgiu, é uma linguagem de quem tá na rua, pra dizer "vou manguear", ou seja: pedir, mentir, contar história triste, manipular, pra conseguir o que eu quero. Quem se utiliza desse meio de sobrevivência é chamado de *mangueador* ou *7/1*, nato. É o cara que tem o dom de arrancar dinheiro de qualquer pessoa, é uma pessoa que desenvolveu uma técnica, que é capaz de entrar na mente manipulando, fazendo ou coagindo, ou induzindo o pensamento das pessoas.

Mas espera lá! Todos que estão nas ruas são mangueadores ou não têm opção e acabaram acreditando que é possível viver através da mendicância? Não! É bem complexa e diversificada a situação. Cada indivíduo é único e tem sua história e seu meio de sobrevivência, de forma coletiva ou individualizada. Veremos a seguir...

De Forma Individualizada

Individualizado, ou melhor dizendo, solitário, é como a grande maioria busca sua forma de sobrevivência. Uns, como eu disse acima, mangueliam, enquanto outros não mangueliam mas vivem de reciclar o lixo (latinhas, papelão, etc.)... buscam através desse meio seu dinheiro honesto para gastar com bebidas, alimentos ou drogas.

Entre esse grupo que recicla, vemos duas situações. Uma é aquele indivíduo que recicla manguelando, ou seja, vive de aparência. Como assim? Coloca um saco de latinha nas costas, anda o dia inteiro com ele e pede para as pessoas um trocado. E quem vê ele com o saco nas costas pensa "esse é trabalhador, vou ajudar" e com isso ele ganha mais dinheiro manguelando do que reciclando, é uma forma de manipulação sutil, induzindo as pessoas a acreditarem que ele está trabalhando, mas a reciclagem é pouca demais para ele vender e poder se alimentar, aí, coitadinho! Precisa de ajuda... Quem se utiliza desse meio está embalado na adicção destrutiva do mundo das drogas, e a droga mais popular nas ruas é o crack e o álcool...

Outros que reciclam sem manguelar, são geralmente aqueles que se esforçam para sair dessa situação, além de reciclar, alguns vendem faróis, balas, é na verdade uma forma que encontraram para não se humilhar pedindo ou roubando e alguns buscam e conseguem sair da rua, morando em barracos nas favelas ou em ocupações de sem-teto.

Outra situação são aqueles que fazem artesanatos, e não são ripas (hippies), mas sim usuários de substâncias psicoativas e se utilizam dessas vendas de artesanatos para manguelar e vender, é claro, para o uso de sua substância de preferência.

Agora vamos lá: você sabe como se manguela? O que levar em conta?

Primeiro! O indivíduo que vai manguelar faz uma leitura da expressão corporal da pessoa a ser abordada, como assim? Vejamos o seguinte, se a pessoa está vestida de social e com uma bíblia debaixo do braço, o que ela é? Evangélica. Se tem um terço no pescoço ou no carro ela é? Católica, etc... etc... Enfim! O corpo se comunica e diz mais ou menos o tipo de pessoa a ser abordada e aí é só se identificar-se como ela, chegando de mansinho pra ela perder o medo e se for católica por exemplo, falar na mesma linguagem, tipo (Olá, que nossa senhora te abençoe por me ouvir, etc.etc...), e se for evangélica (misericórdia, que Jesus te abençoe, etc...), assim você se identifica com a pessoa, pois a linguagem diz se a pessoa é culta, leiga e/ou qual a formação dela e aí, é só falar a mesma linguagem ou uma linguagem inferior de gente leiga.

Enfim, um bom manguelador é antes de tudo um bom observador...

De Forma Coletiva

De forma coletiva, ou melhor dizendo, em grupo ou malóca. São moradores em situação de rua que se juntam num mesmo espaço, onde eles cozinham ou não, e bebem cachaça o dia inteiro e todos os dias.

Cada maloca tem suas regras e podem ou não aceitar que outros se juntem ao grupo.

Tem malocas que aceitam o uso de drogas e tem aquelas que só rolam bebidas. Alguns do grupo manguelam nos faróis geralmente, para comprar bebidas, cigarros ou drogas, e comida.

As vezes em cidades de grande porte, algumas entidades sociais sem fins lucrativos fazem doações de agasalhos, alimentos e roupas de cama. É importante essas doações, porém, não muda, não transforma e não faz a pessoa sair do comodismo, por ser uma ação imediatista, que só resolve o problema da fome naquele momento e quando tem para doar...

Essa situação é uma "faca de dois gumes", porque se não ajuda, vão continuar bebendo e ao ver da sociedade, "incomodando". E se ajuda dando a eles comida pronta, cobertores, etc, vão continuar bebendo ou se drogando e manguelando do mesmo jeito.

O grande desafio é... como "quebrar" esse círculo vicioso e fazê-los querer voltar a vida produtiva no meio da sociedade?

Geralmente esses grupos coletivos e individuais, são chamados de Pardau. Por quê? Porque eles só ficam numa determinada cidade por muito tempo, ou são dessa cidade. Todos os "pardais", de uma mesma cidade se conhecem, ao menos de vista. A maioria sabe quem manguela, rouba ou recicla ou faz artesanatos e que bebe ou não, e quem se droga ou não. Geralmente quem bebe se associa a quem bebe e quem se droga com quem se droga, embora hoje em dia o número dos que bebem e se drogam é bem maior dos que só bebem...

Quando uma pessoa te aborda é possível saber a real intenção dela e saber se está mentindo.

Primeiro, olhar bem fixo no fundo dos olhos e como alguns são bons atores e sabem fazer uma expressão corporal de coltadinho é preciso ir para o segundo passo. Se o manguelador pedir comida, mas insistir no dinheiro para tal, é de desconfiar, porém se você lhe oferecer a comida, que dê uma marmítex aberta pra não correr o risco dele vendê-la.

Alguns pedem fraudas e outras coisas mais, que são vendidas p/ o consumo de substâncias da preferência. Em cidades grandes, o que não falta é assistência social que provê alimentos e necessidades básicas de higiene, então? Pra onde vai o que ele pediu?

Olhar bem as mãos e os pés e a roupa, cada detalhe diz a real intenção do magueador... Como assim? Por exemplo, mãos sujas e dedos queimados, dentes do centro superior sujos (escurecidos), são características de quem usa drogas... A falta de higiene é causada ^{febre} excesso no uso durante vários dias sem banho e sem dormir, ficando com uma aparência abatida e desleixada.

Já os que bebem, tem uma aparência inconfundivelmente inchada e um halito cheirando a cachaça... Porém, tem aqueles, que realmente estão com fome e querem a comida, cabe a cada um que for doar saber não dar dinheiro, pois, a pessoa pode até estar com fome, mas o dinheiro lhe faz mudar de ideia e com certeza vai usar sua substância de preferência...

Pois na rua, em qualquer cidade do Brasil, o vício faz parte da rotina das pessoas em situação de rua. Por isso, dar dinheiro, é insentivar o uso abusivo de álcool ou outras substâncias de preferência. Agora, vamos lá, se for de madrugada e a pessoa lhe pedir a comida ou lanche, que coma na sua frente, certo?!

Tudo isso, narrado acima, acontece durante o dia, veremos agora à noite...

À noite quem dorme cedo geralmente não usa drogas, pois a adicção faz a pessoa perambular a noite inteira, em busca de uns trocados para satisfazer a sua figura...

Algumas entidades trazem comida; onde há várias pessoas dormindo, isso é benção de Deus, pois estas pessoas realmente precisam...

A noite na rua é perigosa, pois, se vê de tudo...

Pessoas que de dia são empresários, à noite se revelam quem são realmente, fazem coisas que de dia abominam... E se vê também aqueles que nos criticam de dia, mas à noite fazem pior, se drogam, se prostituem e no outro dia dão uma de santinhos, mas, deixa pra lá...

Não quero aqui, abordar a vida deles, pois, a lei da rua é :, viu? Não! Não vi! Nem tudo se pode falar, mas o que se pode, vamos lá...

É à noite que muitos moradores em situação de rua se encontram e se juntam para dormir próximos um ao outro, isso é diferente de malóca, pois a malóca fica juntos o dia todo, já este grupo são geralmente pessoas que andam sozinhas durante o dia ou em dupla. As vezes dormir em várias pessoas juntas, é questão de segurança, por quê? - Porquê há maldades na rua, por exemplo, em certas cidades existem grupos fascistas, (skinheads), que colocam fogo em quem está dormindo isolado. Exemplo clássico, é o caso do Índio Galdino em Brasília, ou os menores na Candelária... Outro motivo é que a noite tem lugares específicos que entidades sociais levam comida, agasalhos, água, etc... Aí se torna cômodo dormir onde passa o "rango", ou seja, comida. Mas, tem muita gente que se esconde em marquizes, casas vazias ou no mato, enfim, pessoas que vão à noite na boca de rango e não se misturam com ninguém para dormir. Mas também não desfaz de ninguém, passa dá um olá, coloca o papo em dia e aí se vai.

Por falar em papo em dia, é à noite que tudo o que rolou de dia a gente fica sabendo. Quem magueou, o que ganhou, quem roubou, quem rodou, morreu, etc... e

tem uns que sentem a necessidade de conversar, pois não param de falar, não deixando outros falarem, achando ser o dono da verdade, ou se empolgando, por alguém ouvi-los sem critica-los, apontando seus erros ou defeitos...

A liberdade de expressão nas rua é na verdade, liberdade de expressões vulgares, por ausência de conhecimento de expressões cortês e de cultura e/ou escolaridade, na maioria dessa população.

(Quem não se sente amado tem dificuldade em amar a si próprio e também a outras pessoas.)**

Soma-se a isso um ambiente sem regras ou responsabilidades, onde a miséria é vista como um meio de se viver bem, pois, o entorpecimento camufla a real situação degradante em que se encontram, causando euforia na mente, para não verem ou encarar a chocante realidade...

As noites mais duras de se encarar, são sem dúvidas, as noites frias ou congelantes do inverno. Para dormir é preciso papelão, pois, por ser isolante térmico, ele não deixa passar a friagem do chão para o pulmão, o principal órgão a ser protegido, quando se vai dormir na rua.

Já vi pessoas morrerem de frio estando com cobertores, e ao lado dessas, pessoas como eu, vestida dentro de sacos grandes de plástico, com pequenos furos, transpirem de calor. O plástico é isolante térmico e sem os furos para a entrada e saída de ar, mata pelo sufocamento, e por isso em baixas temperaturas é melhor que somente cobertor.

Aconteceu comigo: - Estando numa determinada cidade grande, todo molhado da chuva fria e tremendo, alguém me trouxe uma capa plástica de colchão e me orientou a fura-la, e assim fiz. Entrei dentro e aos poucos o calor do meu corpo que não saia dali, me aqueceu até suar e no dia seguinte até minhas roupas estavam secas e enquanto isso, duas quadras dali, tive notícia de que um morador de rua havia morrido de hipotermia, pois o frio era demais e não suportou estando ele coberto com um cobertor...

Enfim, saber sobreviver nas ruas, é a primeira coisa que se busca a aprender, como se fosse aprender a sobreviver numa selva, se não observar os mais antigos no ramo, não se aprende...

Em algumas cidades, existem um serviço social chamado Centro-Pop (Centro de referência em atendimento a população de rua) que encaminha moradores em situação de rua, para se abrigar em abrigos e ou albergues, durante os meses de frio, mas como as vagas são poucas, distribuem cobertores. É o mínimo que podem fazer, mas pra quem necessita, é o máximo. As vezes a demanda é tanta que precisam com o coração apertado, escolher quem vai p/ o abrigo ou não, priorizando casos graves de saúde, idosos, mulheres, menores, etc...

É no inverno que acontece algo sobrenatural, parece até que tem um dedinho de Deus, e eu acho que tem! Você vê, quem não se gosta, dividindo o cobertor com o outro,

uns que tem dois ou mais, doando para quem não tem, e gente tirando a própria blusa do corpo para agasalhar o outro.

O espírito de solidariedade e amor toma conta até da sociedade, que no restante do ano, só critica, chamando-nos de vagabundos, pudim de pinga ou noiados, porém, nessa época se mobilizam coletivamente ou individualmente, para agasalhar o próximo, nos olhando como seres humanos e irmãos. Que necessitam de ajuda e não de julgamento, pois abrem o coração e nos vêem como Deus nos vê, pequeninos esperando uma mão estendida sem precisar de mentiras ou pedir nada, pois o olhar e o corpo trêmulo e as roupas esfarrapadas já dizem tudo! Quem pratica esta boa ação, muito obrigado... "Quem dá aos necessitados, empresta à Deus"...

Nas noites frias, os albergues lotam, pois, quem quer fazer correria no frio? Eu não! E você? Ai não tem pardal que aguenta e nem andarilho que anda perambulando pelas rodovias.

Por falar em andarilho, você sabe o que é andarilho? - É uma pessoa que teve uma grande decepção e se isola no seu mundo longe de tudo e de todos, andando a pé pelas rodovias do país afora.

Andam de dia enquanto guentam, e na hora da fome, pede comida nas casas de zona rural à beira de rodovias ou estradas e quando não tem, se alimentam de frutas quando acham pelo caminho, ou carregam comida para ser feita na estrada.

Andam cantando, falando com Deus ou consigo próprio, rindo sozinho ou chorando e lamentando o passado de mágoas. A maioria são mágoas amorosas, ou traições ou desavenças, enfim, esta chaga aberta no coração, os impedem de ter ânimo de voltar a se relacionar com outras pessoas... Seu maior prazer é andar, andar e andar, conhecer cidades, só de passagem rápida, para conseguir trocados ou manguear nas casas, algum alimento. Geralmente não usam drogas, mas a bebida faz parte da rotina da grande maioria.

Para conseguir um banho, fazem paradas nos postos de gasolina, à beira de rodovias ou rios, lagos e açudes ou correios, que encontram pelo caminho...

A maioria anda sem destino, dormem no mato ou postos de gasolina, são diferentes de trecheiro.

Geralmente o trecheiro é aquele que sai da sua terra natal, para rumar trabalho ou melhores condições de vida em outras cidades de melhores oportunidades. Em alguns Estados eles não falam manguear, mas sim Incharcar, que é o mesmo que manguear...

A maioria dos trecheiros, vão de cidade em cidade dormindo em albergues ou casas transitórias, e quando acham serviços, saem da situação de rua e vão tocar sua vida, porém, quando não tem ou fica desempregado novamente, vão para outra cidade em qualquer parte do Brasil. Para se locomover de cidade em cidade, eles recorrem as assistências sociais que dão passagem ou então manguelam e vão embora. Muitos desses trecheiros, acabam se envolvendo em malocas e/ou com pessoas com vícios

destrutivos e acabam caindo no vício, deixando de ser trecheiro para ser parda, em uma terra estranha, se drogando ou bebendo, manguendo ou outras formas de sustentar seu vício e abandona a idéia principal que o trouxe para aquela cidade: o trabalho!

Muitos passam a roubar, por andar com más companhias ou por se cansar de manguear. Agora vamos lá! Você sabe como um morador em situação de rua passa a roubar, parando de manguear?

Pois bem! A sociedade acaba forjando o surgimento de ladrões, nas ruas, como? De não dar oportunidade para a pessoa sair dessa situação, forçando ela a mendigar, a sociedade discrimina e/ou humilha em várias situações. Seja chamando de vagabundo, maloqueiros, ou proibindo a entrada em locais públicos, como, chopping Center, mercados, etc... Quando não, à violência moral ou física que é praticado contra moradores em situação de rua, é infelizmente comum na rotina de cada um.

As forças de segurança são as que mais agredem fisicamente e/ou moralmente, muitas vezes sem justificativa que motive essa atitude, simplesmente por ser da rua e com mochila nas costas. São vários os relatos de conhecidos que disseram cansar de ser humilhados, por apenas pedir algo para comer e que preferem roubar do que se humilhar pedindo, já que não dão emprego, então pra que humilhar a quem pede?

Quando uma pessoa que está em situação de rua é humilhada e/ou ignorada, nasce dentro dela um sentimento de revolta contra a sociedade, pois quando caiu nesta situação, encontrou-se num beco sem saída. Pois, o assistencialismo dado pelo governo acaba mantendo este círculo vicioso, na verdade somos capim-gordo e massa de manobra para cabides de emprego e não existe a real intenção de solucionar este imenso problema.

Aí é claro que a maioria esmagadora, não consegue sair dessa situação e acabam se adaptando a esse novo estilo de vida e quando já se acostuma, perde a vontade de sair... Mas, quando quer sair não consegue, e no desespero se envolve em certos vícios que os aprisionam ainda mais. O jeito é manguear, e quando sofrem humilhações vão se cansando até desistir de manguear e passam a cometer pequenos furtos, pois, desenvolveram uma revolta interior, um "ódio" contra a sociedade que só condena, condena e condena.

Há quem diga que ficar na rua é uma opção de escolha e que a culpa pelo sucesso ou fracasso de um morador em situação de rua, é exclusivamente dele e não da sociedade. Quando eu digo que a sociedade forja um ladrão na rua, não estou excluindo a culpa dele e transferindo para a sociedade. Tudo na sociedade, ou na vida de qualquer pessoa, acontece por escolhas, porém, por vivermos coletivamente num mesmo planeta, somos influenciados pelas escolhas de governos, instituições, Igrejas, etc... E quando um governo investe mais em presídios e não em cultura, Educação, esporte, etc... esta situação forja que a probabilidade de a maioria escolher a criminalidade seja grande e quando caem em situação de rua e a sociedade discrimina o manguedor, a escolha dele em parar de manguear para roubar, foi motivada pela escolha da sociedade em não

... para o preventivo que é dar condições para que o país tenha uma política de desenvolvimento social e distribuição de renda e investimento em qualificação profissional e valorização com investimento no setor que forma o futuro do país, que é o setor da Educação.

Este setor é mal remunerado, tem profissionais que não são valorizados e está constantemente sendo desmantelado.

Quando um país não oferece emprego e qualificação para quem está em situação de risco, uma política que evita pessoas em uma situação, algo está errado...

E isso que assim como ser individualmente tem suas escolhas, por vivermos coletivamente em um mesmo país, somos influenciados pelas escolhas de governos e de sociedade como um todo. Quando dizemos que somos influenciados das escolhas individuais e coletivas. Quando individualmente escolhemos um governo, escolhemos ou não beneficiamos coletivamente e essas escolhas podem influenciar com certeza no futuro das nossas filhas e filhos.

A de escolhas erradas e escolhas governos que escolhem dividir e separar como se fosse uma pirâmide e as nossas filhas, ficar de fora dessa pirâmide ou seja, em situação de rua, nossa escolha influencia nas escolhas delas... E se a sua escolha é discriminar e não incentivar e separar e dar dessa situação, então somos todos culpados por isso que temos que está cheio de desigualdades sociais e cada vez mais com aumento de criminalidade. Não são apenas as pessoas que vivem e separam e escolhem a rua.

Por exemplo, quem vai de um prédio deveria ser remunerado no mercado de trabalho e morador e uma coisa não deveria ser feita de acordo familiar e ser independente no município onde mora e ser feita de comunicações de emprego e grande maioria escolheram a rua, não há escolha quando está e a única opção...

Outro exemplo é um exemplo de situações de exclusão social. Quando não se há uma política que permita o indivíduo e dar todas as condições e dar todas as formas de dar mais acesso e essas pessoas e escolhas dele é a rua... Quando não se tem uma política de geração de renda, qualificação profissional e geração de emprego fica difícil pagar aluguel, a escolha é a rua.

E quando cai nessa situação e não se tem uma política que qualifique profissionalmente o leigo sem estudo, não se investe na saúde mental - A.D. e não o inclui novamente em sociedade, a escolha é a rua.

E estando na rua, por qualquer motivo que seja que é porque a sua situação, aqui você tem escolhas. Pode escolher manguelar, pedir ou de roubar. Quando a escolha é manguelar, por cansar-se de humilhações, qual é a escolha mais lógica? É, é roubar mesmo. Roubar.

Porém, como eu disse no começo que tinha uma visão patriarcal, não vou aprofundar no tema e em vários assuntos, porque a rua tem de tudo, desde saúde mental à prostituição e desvalorização da mulher.

Pagina transcrita:

“investir no preventivo que é criar condições para que o país tenha uma política de inclusão e desenvolvimento social e distribuição de renda e investimento em qualificação profissional e valorização com investimento no setor que forma cidadãos do amanhã, que é o setor da educação.

Este setor é mal remunerado, tem profissionais que não são valorizados e está frequentemente sendo desmantelado.

Quando um país, não oferece emprego e qualificação para quem está em situação de rua, ou uma política que evita pessoas cair nessa situação, algo está errado...

Eu acho que assim como ser individualmente tem suas escolhas, por vivermos coletivamente em um mesmo planeta, somos influenciados pelas escolhas de governos e da sociedade como um todo. Quero dizer! Tudo é consequência das escolhas individuais e coletivas. Quando individualmente escolhemos um governo, sofremos ou nos beneficiamos coletivamente e essas escolhas podem influenciar com certeza no futuro dos nossos filhos e filhas.

Aí se escolhemos errado e colocamos governos que escolheu dividir a sociedade como se fosse uma pirâmide, e se nossos filhos, ficar de fora dessa pirâmide, ou seja, em situação de rua, nossa escolha influenciou nas escolhas deles... E se a sua atitude é discriminar e não incentivar a pessoa a sair dessa situação, então somos todos culpados pelo País que temos, que está cheio de desigualdades sociais e cada vez mais com aumento da criminalidade. Pois são vários os motivos que levam à pessoa a escolher a rua.

Por exemplo, quem sai de um presídio, deveria ser inserido no mercado de trabalho e motivado a uma nova vida, porém por falta de apoio familiar e/ou problemas no município onde residia e por falta de oportunidades de emprego, a grande maioria escolheram a rua, não se é escolha, quando esta é a única opção...

Outro exemplo é um usuário de substâncias psicoativas e/ou álcool. Quando não se há uma política que previna o indivíduo a cair nesta situação e/ou buscar formas de dar mais atenção a essas pessoas, a escolha dele é a rua... Quando não se tem uma política de geração de renda, qualificação profissional e geração de emprego, fica difícil pagar aluguel, a escolha é a rua...

E quando cai nessa situação e não se tem uma política que qualifique profissionalmente o leigo sem estudo, não se investe na saúde mental e não o insere novamente em sociedade, a opção é a rua...

E estando na rua, por qualquer motivo que seja que o trouxe a esta situação, aqui você tem escolhas. Pode escolher manguear, reciclar, etc, ou roubar. Quando a escolha é manguear, por cansar-se de humilhações, qual é a escolha mais lógica? É, é isso mesmo! Roubar.

Porém, como eu disse no começo que faria uma visão panorâmica, não vou me aprofundar no tema e em vários assuntos, porque a rua tem de tudo desde saúde [palavra não identificada] à prostituição e desvalorização da mulher.”

Por Murilo Albertini

CSU
Dio 118.
as 9: horas
Dra. Gustavo

Cara, eu peguei o caderno para escrever sobre a desvalorização da mulher, e ainda lá falar sobre outros assuntos. Mas, uma coisa que aconteceu comigo me magoou e aí eu me perguntei, será que compensa escrever? Vamos aos fatos.

Com apenas um real na mão, eu fui num bar pedir um gole de cachaça para poder me inspirar e aí, o dono do bar me disse: Seu vagabundo mendigo, pingaiado, a dose é 3 reais, porquê você não vai dar o cú, e compra uma dose...

Virei as costas e saí triste, pois sou ser humano...

Eu digo, não humilhe o morador em situação de rua, pois hoje é ele, e amanhã pode ser você...

Vou encerrar por aqui, porque me abalei e na próxima edição falarei sobre prostituição noturna, desvalorização da mulher e outros assuntos, porque a minha vontade agora é fazer o que não devo...

Boa leitura e até a próxima edição...

E por falar em desvalorização da mulher, que é o que mais acontece na rua, elaborei algumas perguntas para conhecermos como funciona essa desvalorização, se atendo a narrar mais na íntegra as respostas de pelo menos 5 mulheres.

Para que possamos ter uma ideia do que acontece com elas sem que eu dê minha opinião, deixando que as respostas respondam por si, com uma real interpretação.

Logo abaixo vai as perguntas e após as respostas, escondendo a identidade de quem respondeu.

1. Como você caiu em situação de rua?
2. O que você faz para se manter-na-rua?
3. Como você faz sua higiene pessoal na hora da menstruação?
4. Como você faz para se defender dos homens que querem abusar sexualmente de você?
5. O que você sente na hora do programa?
6. Você já fez algum aborto? Se não fez, como faria?
7. Você tem vontade de sair dessa situação?
8. Qual é o seu sonho?

Pois bem, vimos as respostas de algumas mulheres, sem que eu desse minha opinião...

Agora lá vai meu ponto de vista, com base no que observo nas ruas...

Infelizmente a mulher em situação de rua sofre mais que os homens, pois é vista como objeto de desejo sexual. Aquelas que tem companheiros é tratada como se fosse propriedade, não podendo conversar com outros homens e a agressão física ou psicológica, faz parte da rotina de muitas delas.

E ainda tem aquelas que é obrigada a se prostituir para sustentar seu vício e o de seu companheiro... Muitas sentem nojo de certos homens que se deitam com elas, mas a vontade de ganhar dinheiro para sustentar seu vício faz ela fingir o falso desejo, fazendo seu cliente achar que ela está amando vender seu corpo.

Até na hora de se higienizar, quando ocorre a menstruação, muitas sofrem, colocam panos, se lavam em banheiros, etc, para não ficar naquela situação... Algumas começam a manguear para sair da prostituição, porém, por ser um ciclo vicioso, elas se acomodam e quando surge uma oferta que encheu seus olhos, devido o valor, elas se prostituem.

Muitas querem ser mãe, ou tem filhos e a distância deles, as fazem sofrer... Quando elas manguem, ganham mais dinheiro que os homens, pois por ser mulher, as pessoas abordadas se sensibilizam mais.

Nenhuma mulher quer cair em situação de rua ou se prostituir, tudo tem um porquê, um motivo que a fez cair nessa situação. Abuso sexual na infância é o exemplo mais comum, que a faz se rebelar e se envolver com os vícios destrutivos e ir parar na rua.

Na verdade, ninguém quer cair em situação de rua. A maioria das pessoas acha que morador em situação de rua é mendigo que mora na rua.

Existe diferença entre morador de rua (mendigo) e morador em situação de rua. Morador de rua é aquela pessoa que nasce na rua, cresce na rua e não conhece outro estilo de vida. Enquanto que morador em situação de rua, é aquela pessoa que por um motivo qualquer veio a cair nessa situação.

A partir de 1998, quando houve início de uma experiência lá no Rio Grande do Sul, quando o governo tirou das ruas mulheres com crianças e menores, adolescentes... Ainda criou uma estrutura de atendimento à população de rua, dando a eles o mínimo de dignidade como higiene pessoal, saúde, documentação, enfim... o mínimo para alavancar a saída da rua. Já não é mais moradores de rua de lá pra cá. Pois através dessa experiência que foi pra São Paulo, debaixo dos viadutos foram criadas as tendas e depois se esparramou pelo Brasil o tão conhecido Centro Pop.

Hoje em dia, o serviço social não permite pessoas nascerem nas ruas e o mínimo de infraestrutura é uma válvula de escape para sair dessa situação. Não vou aqui abordar o funcionamento desses serviços que auxiliam a população de rua, só quero frisar que no Brasil não existe mais morador de rua ou mendigo, o que existe são moradores que caíram em situação de rua e sobrevivem através da mendicância, se acomodaram em sua maloria, por fazer parte de um círculo vicioso em um mundo sem regras e "livre" a seu ver, onde tudo acontece, onde você pode e não pode fazer o que você quiser... Onde tem alimento, banho, drogas, bebidas, sexo, pra que sair? Cair nessa situação é fácil, agora sair dela é só para quem realmente quer. É difícil, pois tudo conspira para continuarmos na rua, porém não é impossível, basta querer.

Colunas que Acontecem na Rua

○ Golpe do Atropelamento

A pessoa está com seu carro num estacionamento. Ao sair de ré, eu entro na traseira do carro e, com a mão, dou um tapa bem forte, que o motorista se assusta e pára o veículo. Eu finjo estar mancando e vou educadamente manguetá-lo. Na maioria das vezes, o condutor, pra ver você não ser um problema para ele, te dá uma linda gorjeta e você sai feliz da vida.

Manipulação/Induzir

Por exemplo, eu preciso de dez reais e claro que não vou manguetar de cara os dez reais. Então, o que eu faço?

Lanço a ideia na mente da pessoa abordada, como assim? Eu digo: "Olá, tudo bem? Eu necessito de três reais, mas está eu e minha esposa grávida que está a três quarteirões daqui, pra nós dois seriam seis reais, mas eu não tenho nem pra ela, que dirá pra mim. O senhor (ou senhora) poderia me ajudar? Pois nós homens ainda conseguimos ficar sem comida, mas mulher grávida não dá, né... Por favor, eu e ela seriam seis reais, posso dizer dez, incluindo o guaraná que ela tanto quer, o senhor/a pode me ajudar?" Nesse momento, sem dúvida os dez reais vêm... O que acontece nessa situação? A pessoa abordada, calculou todas as informações que passei para ela e então somou o valor que eu queria. E ela não vai querer andar três quarteirões pra confirmar se estou com a esposa

Algumas Gírias

- Bater Cascudo: pegar a vasilha e pedir comida.
- Bater a Nave: Desandar, recair em algum vício.
- Cascuda: vasilha de por comida.
- Falcatrua: enrolão, nó cego (pessoa que quer ser mais esperta que outras)
- Encharcar: pedir, mendigar, manguetar.
- Triá: seguir em frente, caminhar.
- BR: andarilho
- Trechelro: migrante, viajante.
- Parasita: quem não faz correria.
- Sangue bom: colega, irmão, mano, gente boa.
- Faz-me rir: dinheiro, drogas, bebidas.

Assim como em uma determinada região existe variações linguísticas, nas ruas não é diferente, há também formas diferentes de se comunicar. Pois bem, existe muita coisa que não foi narrada, porém no que eu pude narrar, foi escrito. Agradeço a Deus por essa experiência de estar em situação de rua, não quero para ninguém, mas me fez ver o mundo como ele é, do jeito que já foi previsto na Bíblia: que nos últimos dias, os homens seriam amantes dos prazeres, sem afeição ao que é bom, desleais, desobedientes aos pais, amantes de si mesmos, etc... é só lerem na Bíblia e virem morar na rua e verão que tudo isso é verdade. Tchau, fui!

Aqui o filho chora e a mãe não vê!

Escrito por José Idevaldo da Silva, com base em observação e vivência nas cidades de Londrina-PR, Presidente Prudente-SP, Ribeirão Preto-SP, São José do Rio Preto-SP e Três Lagoas-MS, entre outras.